



O Rei está nu

Alexandre Santos

Comentário sobre as transformações vividas pelo senhor Fernando Henrique Cardoso depois que assumiu a presidência da república do Brasil.

Olhando fixamente para D. Fernando II, o estrangeiro percebeu que o rei estava nu

Querendo conhecer um homem sério, competente, comprometido com seu povo, um estrangeiro pesquisou junto às universidades internacionais e soube que num grande reino, repleto de riquezas naturais, banhado pelo oceano Atlântico, havia um rei intelectual, cujo passado o credenciava como um "homem comprometido com as causas populares". Seu nome era D. Fernando II. Segundo as entrevistas que dera nas incontáveis viagens mundo afora, D. Fernando II tinha operado milagres em sua terra: tinha acabado com a inflação, conquistado a confiança dos grandes empresários internacionais, inclusive os banqueiros; tinha vendido empresas estatais deficitárias, tinha escorraçado os *vagabundos* que tentavam falir o sistema de previdência pública, tinha congelado os salários dos *corvos* que atrapalhavam o funcionamento do serviço público, tinha controlado a banda podre do Congresso Nacional, etc., etc., etc. Animado em conhecer o país de D. Fernando II, estrangeiro embarcou no primeiro avião.

Cheio de expectativas, o estrangeiro chegou ao país. A primeira impressão foi ótima. O aeroporto era limpo e decorado com propaganda de empresas da sua terra. Sentiu-se *em casa*. Pouco a pouco, no entanto, as imagens foram se deformando. Da janela do taxi que o levava ao hotel, viu uma multidão de mendigos que se acotovavam nas calçadas pedindo esmolas. Em cada cruzamento, meninos disputavam as atenções dos motoristas, vendendo chicletes ou pedindo esmolas. Outros meninos, maiores, aspiravam cola em sujas garrafas plásticas, esperando o momento certo para atacar um transeunte menos precavido. Surpreso e decepcionado, o estrangeiro observou uma legião de idosos desamparados, pedindo esmolas. Imaginou, então, que aqueles velhos, na realidade, ainda eram jovens, mas que tinham envelhecido precocemente, por conta da vida sofrida que levavam. Sem entender a miséria que via - um quadro completamente diferente daquele pintado por D. Fernando II nas suas entrevistas internacionais - comprou um jornal. A cada página, sua decepção crescia. O noticiário alardeava que o salário mínimo tinha sido aumentado para R\$ 130, uma quantia equivalente a cerca de 15% do menor salário que era pago no seu país. Falava da criminalidade e da superlotação dos presídios, destacando rebeliões dos presos amontoados. Embora as manchetes estivessem reservadas para "as proezas de D. Fernando II", o jornal falava nos recordes de concentração da renda, desemprego urbano, desemprego rural, analfabetismo, falências, concordatas e títulos protestados batidos pelo país. Mais adiante, o jornal falava que, no nordeste do país de D. Fernando II, a população vivia o flagelo de uma

seca já prevista há três anos e estava recorrendo ao saque para conseguir comida. Atordoado, o estrangeiro chegou ao hotel, onde foi recebido por um rececionista simpático que, com um sorriso cúmplice, ofereceu-lhe uma menina de quatorze anos que, por uma pequena quantia, seria capaz de proporcionar-lhe “os maiores prazeres que um homem pode suportar”.

Não! Aquele não podia ser o país do qual falavam no exterior.

À noite, um alarido chamou-lhe a atenção. D. Fernando II, em franca campanha pela reeleição, falava na televisão. Com um sorriso esquisito, dizia que seu país estava muito bem, conforme podiam atestar as recentes pesquisas realizadas entre “alguns dos mais importantes seguimentos sociais”, como os banqueiros, latifundiários e grandes empresários nacionais e multinacionais. Prossequindo, D. Fernando II disse que tudo podia melhorar, desde que a oposição e uma tal *banda podre* do Congresso não atrapalhasse as reformas que tinha proposto. Fechando o semblante, D. Fernando II falou dos seus desafetos, uns antipatriotas, acusou uns tais *vagabundos* de querer falir a previdência social, e uns tais *corvos* que, ao invés de colaborar para a preservação do Plano do Rei, viviam pedindo aumento de salário. Ainda com o cenho franzido, D. Fernando II disse que no nordeste não havia seca nem fome e que os saques faziam parte de uma campanha de grupos oposicionistas para desacreditar seu governo.

Olhando fixamente para D. Fernando II, só então o estrangeiro percebeu que o rei estava nu. Notou, também, como D. Fernando II era parecido com D. Fernando I, seu antecessor. Só não dava para ver se ele tinha aquilo roxo.

Editorial de “O Libertador”, nº 83, da 2ª quinzena de maio de 1998.